

Violência e Desenvolvimento Local: um estudo sobre a criminalidade entre jovens de 15 a 24 anos em comunidades periurbanas de Campo Grande, MS

Violence and Local Development: A study on crime among young people 15-24 years periurban communities of Campo Grande, MS

Violence et développement local: Une étude sur la criminalité chez les jeunes 15-24 ans communautés périurbaines de Campo Grande, MS

Violencia y Desarrollo Local: Un estudio sobre la delincuencia entre los jóvenes de 15-24 años las comunidades periurbanas de Campo Grande, MS

Aparecido Francisco dos Reis*
(aparecido.reis@ufms.br)

Recebido em 07/03/2012; revisado e aprovado em 08/07/2012; aceito em 11/09/2012

Resumo: Este artigo vai apresentar uma discussão a respeito da relação entre juventude, violência e capital social. É parte do projeto "Violência e capital social: Um estudo sobre as taxas de criminalidade entre jovens de 15 a 24 anos em duas regiões periurbanas de Campo Grande, MS. O projeto teve apoio financeiro do CNPQ e foi realizado durante o período 2006-08. A idéia é apresentar no âmbito deste artigo, os números de homicídios cometidos na capital, assim como estabelecer relações com os fenômenos sociais da pobreza e do capital social

Palavras-chave: Violência. Desenvolvimento social. Capital social.

Abstract: This article goes to present a quarrel regarding the relation between youth, violence and social capital. It is part of the project "Violence and social capital: A study on the taxes of crime between young of 15 the 24 years in two periurban regions of Campo Grande, MS. The project had financial support of the CNPQ and was carried through during period 2006-08. The idea is to present in the scope of this article, the numbers of homicides committed in the capital, as well as establishing relations with the social phenomena of the poverty and the social capital.

Key words: Violence. Social development. Social capital.

Resumen: Este artículo presenta un análisis de la relación entre los jóvenes, la violencia y el capital social. Es parte del proyecto "Violencia y capital social: un estudio de las tasas de criminalidad entre los jóvenes de 15-24 años en dos regiones peri-urbanas de Campo Grande, MS. El proyecto contó con el apoyo financiero del CNPq y se llevó a cabo durante el período 2006-08. La idea es dar a conocer el alcance de este artículo, el número de homicidios en la capital, así como el establecimiento de relaciones con los fenómenos sociales de la pobreza y el capital social.

Palabras-clave: Violencia. Desarrollo local. Capital social.

Resummé: Ce document présente une analyse de la relation entre les jeunes, la violence et le capital social. Il fait partie de la «violence de projet et le capital social: Une étude des taux de criminalité chez les jeunes 15-24 ans dans deux régions périurbaines de Campo Grande, MS. Le projet a eu le soutien financier du CNPq et a été menée au cours de la période 2006-08. L'idée est de présenter le champ d'application du présent article, le nombre d'homicides dans la capitale, ainsi que l'établissement de relations avec les phénomènes sociaux de pauvreté et de capital social

Mots-clés: Violence. Le développement social. Le capital social.

Introdução

Em todo o mundo, a violência tem se tornado um desafio urgente e uma questão econômica, social, de saúde pública e governamental de grande importância (MOSER, 1999). A criminalidade e a violência afetam negativamente o desenvolvimento econômico e social, diminuem o capital social, aumentam o grau de exclusão social e de pobreza, colocam em risco a cidadania e a segurança, além de reduzirem a capacidade de o Estado governar efetivamente.

Pelo olhar meramente econômico, a violência reduz o investimento estrangeiro e nacional, obstaculizando assim as possibilidades de crescimento a longo prazo. Entre outros efeitos, desestimula o interesse das pessoas em investir tempo e dinheiro em educação e trabalho, como formas de ascensão social, e pode induzir parcela da população a desenvolver atividades delitivas, ao invés de ações de participação social. Apesar dos agrupamentos humanos em geral dificilmente alcançarem uma condição de total ausência de conflitos, níveis elevados de distúrbios

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil.

acarretam, com certeza, sensíveis prejuízos, afetando aquilo que Sylvain Cote (2001) denomina de capital social, considerado como um adequado envolvimento e relacionamento da pessoa, individualmente, em grupos e na comunidade.

Dessa maneira, a criminalidade é apontada como causa e efeito da falta de relacionamento interpessoal, componente de uma comunidade. E, inversamente, quando a população participa e se engaja em ações comunitárias, a incidência de crimes diminui. Isso ocorre devido à existência, dentro da comunidade, de mecanismos que estimulam um processo de envolvimento e participação a partir de sua própria história, das suas experiências, com vistas a proporcionar segurança, afastando a violência social que se apresenta como um robusto obstáculo ao desenvolvimento local, conceitualmente identificado da seguinte forma:

[...] o 'núcleo conceitual' do desenvolvimento local consiste no efetivo desabrochamento - a partir do rompimento de amarras que prendam as pessoas em seus *status quo* de vida - das capacidades, competências e habilidades de uma 'comunidade definida' (portanto, com interesses comuns e situada em [...] espaço territorialmente delimitado, com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma - mediante ativa colaboração de agentes externos e internos - incrementar a cultura da solidariedade em seu meio e se tornar paulatinamente apta a agenciar (discernindo e assumindo, dentre rumos alternativos de reorientação do seu presente e de sua evolução para o futuro, aqueles que se lhe apresentem mais consentâneos) e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios - ou cabedais de potencialidades peculiares à localidade, assim como a 'metabolização' comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito. (ÁVILA, 2000, p. 68).

Os distúrbios de comportamento social, ocorrentes nas comunidades, geram situações de insegurança, manifestando-se inicialmente como pequenos delitos, furtos, assaltos, roubos, violência doméstica e infanto-juvenil, sendo que paulatinamente atinge todo um grupo social, trazendo consigo graves conse-

quências de ordem psicossocial, econômica e, mais decisivamente, no desenvolvimento de uma cultura ligada às práticas sociais violentas, que pode ser identificada como uma cultura criminosa, envolvendo o tráfico de drogas, o crime organizado e a corrupção de autoridades, ameaçando, inclusive, a ideia de democracia como um elemento fundamental do Estado de Direito.

A violência enquanto prática disseminada na sociedade pode ser identificada quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indiretamente, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. Assim sendo, é possível considerar que aquilo que, em um dado momento, numa dada sociedade, é pensado como violência varia segundo a natureza da sociedade considerada, configurando a realidade empírica da violência como um fenômeno polissêmico e plural. A rigor, neste artigo, a proposta é falar de violência no singular, pois destacam-se homicídios que são cometidos em Campo Grande, MS, em relação aos jovens de 15 a 24 anos, comparando dados coletados na Secretaria de Estado da Justiça e Segurança Pública de Mato Grosso do Sul (SEJUSP-MS), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP). Embora a violência apareça de forma multifacetada, os números apontam a existência de tipos diferenciados de violência, mas, no caso dos dados do IBGE, tais números revelam uma proeminência do aumento de homicídios numa determinada faixa etária da população. Essa realidade remete à necessidade de se pensar a violência a partir de suas relações com os processos de interação social forjados ao longo da trajetória da sociedade brasileira, seja por suas variantes históricas, marcadas por relações escravistas e pelo poder autoritário e, não raramente, violento, dos fazendeiros coronéis de sociedades rurais como a sul-mato-grossense; seja pelo apego aos valores morais, religiosos que levam indivíduos ou grupos a pensarem o mundo como o espaço do confronto ou da competitividade levada aos extremos, comum em situações de guerras, revoluções sociais e políticas e

também, mais próximo dos dias de hoje, nas formas do terrorismo ou dos processos de invasão e ocupação de territórios considerados como inimigos.

No caso brasileiro, seu processo histórico sempre foi marcado por situações de violência: escravidão, genocídios de populações inteiras de povos indígenas e, mais atualmente, a violência manifesta-se de forma mais aguda no mundo das grandes cidades, associada à pobreza, ao crime organizado e ao autoritarismo. E essa situação vexatória parece ser cada vez mais comum, caindo até no desleixo do Estado em criar políticas públicas eficientes no campo da segurança e no campo da erradicação dos fenômenos sociais e econômicos que se relacionam com a problemática da violência.

Isso não significa dizer que as soluções para o problema só podem ser pensadas em longo prazo. Evidentemente, políticas públicas são eficientes à medida que são planejadas e concebidas no contexto da gestão e da participação do conjunto dos cidadãos de uma determinada sociedade. Logo, cabe ao Estado implementar as políticas públicas, mas, acima de tudo, pertence ao conjunto da população o direito ao debate e ao estabelecimento de prioridades no contexto da cada comunidade ou setor da sociedade. Isso é necessário levando-se em conta a pluralidade das formas da violência e os locais onde esta se manifesta.

O estudo sobre os números de homicídios na sociedade local torna-se relevante quando se observam os dados do IBGE divulgados desde 2004, dizendo que o número de jovens de 15 a 24 anos vítimas de homicídios por arma de fogo cresce, em média, 121,22% por década, em Mato Grosso do Sul. O Estado é uma das sete unidades da federação que apresentaram uma quantidade de assassinatos superior à média nacional, 71,7%. Os dados do Censo 2000 apontaram um índice de 76,6% mortes de jovens para cada 100 mil habitantes, o que representa aproximadamente 1500 assassinatos com armas de fogo por ano, quase quatro crimes desse tipo todos os dias. Em 2008, segundo a SEJUSP, a cada 7 horas uma pessoa é assassinada no estado.

A partir desses dados sobre o número de homicídios entre jovens, é preciso perguntar por que determinados bairros periféricos

das grandes cidades como Campo Grande têm índices relativamente altos de criminalidade, enquanto outros conseguem fazer um relativo controle?

Tendo em vista essas preocupações, este trabalho visa fazer uma exploração e um mapeamento da violência na forma de homicídios na cidade de Campo Grande, tendo como comparativos dois bairros da capital: Moreninhas e Jardim das Hortênsias. Além disso, procurar analisar brevemente se há alguma associação entre a violência e o capital social, conceito amplamente utilizado no contexto do desenvolvimento local, e os números dos homicídios existentes nesses diferentes bairros da capital. A meta é ter uma ideia da violência nos dois bairros relacionando-a suas diferentes manifestações com a pobreza e com as diferentes redes de relações sociais, como a cultura, o lazer, as relações de amizade, o crime organizado, as religiões e a presença de instituições oficiais.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa de caráter quantitativo enfocou os dados referentes às ocorrências policiais registradas nos bairros escolhidos da cidade de Campo Grande, entre 2001 e 2005. Como fonte de dados, foram tomados os registros da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Mato Grosso do Sul (SEJUSP), Secretaria de Estado de Planejamento, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (SEPLANCT), Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já que as demais instituições como Centro de Defesa dos Direitos Humanos da capital, Tribunal de Justiça e Ministério Público não têm banco de dados referentes ao problema de pesquisa apresentado.

Tendo em vista a complexidade do processo de coleta de dados, fez-se ainda levantamento, leituras de relatórios e análises de pesquisas avançadas sobre a temática da violência produzidas pelas seguintes instituições: Escola de Conselhos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo; e Guto (Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana e Trabalho Organizado) da Unesp de Marília.

Outro procedimento utilizado a fim de medir o capital social foi a construção de um questionário, tendo como referência uma pesquisa realizada pela Universidade de Tecnologia de Sidney, Austrália, que testou e aprovou um questionário para medida de capital social (ONYX; BULLEN, 1997). O questionário apresenta perguntas sobre as características socioeconômicas dos respondentes, inclui perguntas sobre o comportamento social tais como: participação cívica, relações de confiança e credibilidade da vizinhança, levando em conta as teorias de Putnam (1993 b) e Coleman (1990), discutidas no tópico sobre os referenciais teóricos.

Embora não tenha a intenção de ser uma amostra fielmente estatística das populações pesquisadas, fez-se um *survey*, atingindo 115 indivíduos em cada comunidade. Esses indivíduos foram escolhidos de forma aleatória, tendo como único parâmetro ser um ator social morador das comunidades pesquisadas.

A violência pensada no contexto do capital social: conceitos e definições

A análise das taxas de mortes violentas verificadas nas formas do homicídio na sociedade exige a compreensão dos diferentes níveis de capital social presente neste local. A violência, nesse sentido, poderá estar associada não somente aos indicadores sociais, como também a situações de participação e de envolvimento da população local na condução de políticas públicas, ou mesmo no controle sobre o comportamento e as atitudes dos indivíduos e grupos nos diferentes bairros da capital. Isso demonstra que os níveis de violência não são os mesmos em todos os bairros, há diferenças, e é preciso saber como ocorrem. A ideia é perceber se há uma relação entre o capital social e as taxas de criminalidade, e, para tanto, é importante discutir, a partir de renomados autores desta temática, o conceito de capital social.

O conceito de capital social é construído, embora de maneiras distintas, inicialmente por Bourdieu (1986) e Coleman (1988, 1990); ambos apontam para características que ressaltam sentimentos de reciprocidade nas relações de interação social. A ideia de reciprocidade já elaborada no pensamento social contemporâneo, é expressa em Mauss

(1979) e Malinowski (1978) como “motor da vida social”. Ela não é automática, e a impossibilidade da troca e de processos de criação do princípio de reciprocidade pode gerar impasses sociais agudos e irrupções de violência no interior dos grupamentos humanos.

Para Bourdieu (1986), o mundo social é um retrato fiel da história humana, com todos os seus percalços e sucessos. Assim, Bourdieu (1986) aponta para a necessidade da reintrodução do conceito de capital e as consequências advindas de seu acúmulo para a análise social. Inicialmente, o capital é visto como um acúmulo de trabalho que, quando apropriado de maneira privada, seja por agentes ou por grupos constituídos, possibilita a apropriação da energia social, seja em forma reificada do trabalho, seja em forma do trabalho vivo. O capital constituído dessa maneira, objetivamente ou personificado, reveste-se de uma capacidade potencial em produzir lucros e, ao mesmo tempo, em se autorreproduzir, na mesma proporção ou de maneira expandida.

A estrutura social, que permite a distribuição de diferentes tipos e subtipos de capital, em um dado momento, no tempo e espaço, representa a estrutura social do mundo. Assim sendo, Bourdieu (1986) acredita na impossibilidade de analisar a estrutura e o funcionamento do mundo social sem a reintrodução do conceito de capital, em todas as suas formas, não só na forma econômica. A teoria econômica reduz a análise do capital, centrando-se na perspectiva da troca, produzindo assim, subjetiva e objetivamente, uma orientação para a maximização do lucro. A ênfase economicista impede a percepção não econômica do capital.

Essa visão reduzida é questionada por Bourdieu, pois tanto o capital cultural quanto o capital social podem ser, em algum momento, intercambiados para a esfera econômica.

O capital pode se apresentar de três maneiras fundamentais: como capital econômico, que é imediatamente e diretamente convertido em dinheiro e pode ser institucionalizado sob a forma de direito de propriedade; como capital cultural, que é convertido, sob certas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado na forma de qualificação educacional e como capital social, produzindo obrigações sociais, que é convertido, sob certas condições, em capital econômico, podendo ser institucio-

nalizado na forma de títulos nobiliárquicos. (BOURDIEU, 1986, p. 243).

O autor destaca que o capital social é um agregado de recursos, reais ou latentes, que estão presentes nas relações sociais mais ou menos institucionalizadas, tendo um acordo e reconhecimento mútuo dos participantes dessa interação. O volume de capital social de cada agente depende diretamente do tamanho e intensidade das conexões que ele efetivamente mobiliza a seu favor, aliado à presença de outras formas de capital, como por exemplo, o econômico e o cultural. Demonstra, com isso, que o capital social não é totalmente independente de outras formas de capital. Bourdieu (1986) destaca que as redes de relações sociais não são dadas naturalmente, mas são produções de ações estratégicas, individuais ou coletivas, conscientes ou inconscientes, que estabelecem ou reproduzem as relações sociais. Esse estabelecimento ou reprodução das relações sociais transforma as relações contingentes, como por exemplo, a vizinhança, o local de trabalho etc. Tais relações também produzem elos de obrigações subjetivas (sentimentos de gratidão, respeito, amizade etc.), que criam e potencializam o capital social. Nesse aspecto, Bourdieu (1986) individualiza o capital social, pois delega às pessoas a “responsabilidade” da transformação social, ao contrário da escola americana que procura estabelecer uma relação de mão dupla entre o indivíduo e a sociedade, coletivizando as possibilidades de transformação.

Coleman (1990) pensa o capital social como os recursos produzidos pela interação social entre os indivíduos ou grupos, que resultam, por exemplo, em confiança e credibilidade. Esses recursos, se funcionando como princípios de reciprocidade, facilitam a ação social, seja dos indivíduos, seja de grupos ou comunidades. Quanto maior a produção desses recursos, maior a possibilidade de desenvolvimento dos indivíduos, dos grupos ou da comunidade. Coleman destaca que o conceito de capital social não é uma entidade única, ele possui uma variada gama de manifestações que se encontram na estrutura social e que facilitam a ação dos indivíduos dentro dessa estrutura. “Diferentemente de outras formas de capital, o capital social situa-se na estrutura das relações entre as pessoas de uma

comunidade. Ele não se encontra nem nos indivíduos nem nos implementos físicos da produção” (COLEMAN, 1990, p. 302).

Robert Putnam (1993 a), em seu estudo sobre a comunidade e democracia na Itália moderna, ressalta a intensa relação entre capital social e cultura cívica, para ele a única forma de capital social. Isso nos impede de detectar outras formas de capital social, principalmente nas esferas da credibilidade e confiança mútua, aspectos que podem estar presentes em comunidades com uma estrutura social sem uma tradição cívica mais forte. Apesar das polêmicas em torno do conceito de capital social e das possibilidades de produção de relações conflituosas entre os indivíduos e grupos, sugerimos que a definição do conceito contemple os aspectos que Coleman (1993) e Putnam (1995) destacam, como a cultura cívica, a crença entre os membros da comunidade, o envolvimento nas questões comunitárias, uma boa relação entre a vizinhança, dentre outros. De acordo com essa literatura, essas questões são fundamentais para a prosperidade econômica e para o desenvolvimento local; fatores preponderantes para uma sensível melhoria nas esferas da saúde, educação, meio ambiente, segurança pública.

Os bairros pesquisados

As duas comunidades pesquisadas ao longo do projeto estão situadas na região sul de Campo Grande.

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Campo Grande, as Moreninhas são um conjunto de bairros, surgidos na década de 80 do século passado, destinado à moradia de trabalhadores de baixa renda. Localizado na zona sul da cidade de Campo Grande, inicialmente, o bairro foi nomeado de **Cidade Morena**. É considerado distante da cidade, pois fica a mais de 23 km do centro da Capital. Em 2007, o IBGE estimou uma população de aproximadamente 100.000 habitantes, morando nos bairros da região das Moreninhas.

Na década de 80, quando nasceu o complexo habitacional Moreninhas, com 3,9 mil casas, veio à tona a discussão sobre o crescimento desordenado da Capital. A distância do novo bairro ao Centro, a demanda por serviços públicos, tudo era motivo de polêmica.

O governador da época, Pedro Pedrossian, parecia imune às críticas. Entendia que era preciso investir em habitação e o BNH (Banco Nacional de Habitação) liberava recursos para essa finalidade.

O jardineiro aposentado Bernardino José Batista, 73 anos, é conhecido no bairro como o primeiro morador da Rua Ariti, sendo um dos mais antigos das Moreninhas. “Quando me disseram pra fazer a inscrição da casa eu disse: Deus me livre morar naquele sertão de meu Deus!” Batista morava de aluguel com a família no Jardim Universitária e já estava cansado de fazer inscrição para casa própria. Mas, para as Moreninhas, foi sorteado.

Ainda segundo o Lopes (08/12/2007), ao lado da esposa Guilhermina Maria Nogueira Batista, 62 anos, “Seu” Batista e o amigo Raul Alves, 65 anos, declaram que a maioria das residências das Moreninhas já passou por reforma, mas aqui ou acolá ainda escondem algum detalhe da antiga vila do BNH. O casal relembra sem saudades da fase “adolescente” das Moreninhas. No início da década de 90, a distância do poder público acabou atenuada com a reação juvenil na comunidade, o crescimento da marginalidade. Eram roubos, furtos, disputas de gangues e assassinatos. “Aqui só morria gente matada. Só morria jovem. Acho que 80 foram assassinados naquele tempo”, recorda-se Alves. “Muita coisa melhorou”, diz Medina Pereira, presidente da Associação Comunitária das Moreninhas. Os moradores se organizaram para enfrentar a violência e, ao longo das eleições, mostraram a força política e conquistaram mais atenção do poder público.

A organização dos moradores conseguiu pressionar o poder público e, nos governos que administraram o estado nos últimos 15 anos, foi construída a delegacia, o 4º DP (Distrito Policial). Nesse período, também alguns bairros da região, sobretudo os bairros Moreninhas I, II e III, foram urbanizados com o asfaltamento de ruas, construção de um complexo poliesportivo e sedes do Corpo de Bombeiros e do 10º batalhão da PM (Polícia Militar). Posteriormente, o Posto de Saúde local foi transformado em um Hospital Dia, administrado pela Prefeitura Municipal.

Já o bairro Jardim das Hortênsias, assim como as Moreninhas, situado na região sul de Campo Grande, faz parte de um conjunto de

bairros denominado Aero Rancho. A região foi ocupada pela população a partir de loteamento feito numa fazenda de mesmo nome, na década de 80 do século passado. Segundo o censo de 2007, a população estimada de toda área é aproximadamente 46 mil habitantes, em uma região composta de conjuntos residenciais

Na visão dos moradores locais, existe um preconceito em toda cidade contra quem mora no Aero Rancho e região, pois, no passado, o bairro era isolado dos demais bairros da capital por se situar às margens do rio Anhanduí e, no início, não havia pontes, asfalto, saneamento básico, postos policiais, hospitais e escolas. A região ainda é conhecida pelos moradores de Campo Grande, como “aero barro”, fazendo uma referência às enchentes do rio Anhanduí, assim como à não existência do asfalto.

“Antes eu não dizia que morava no Aero Rancho lá no meu emprego, tinha vergonha, pois todo mundo diz que no Aero Rancho só tem bandido e lama. Na verdade não é bem assim, pois bandido tem todo lugar e agora aqui tem asfalto, escola, tudo”. (jovem de 18 anos – morador local).

Sobre a violência na região do Aero Rancho, existe até uma narrativa que, segundo conversas informais com moradores locais, é verdadeira, sobre um perigoso bandido que dominava a pequena travessia em ponte estreita entre o bairro e a cidade, reproduzida logo abaixo. Tal narrativa sempre reforça a percepção de violência com relação ao bairro.

O diabo do Aero Rancho...

Alguns anos atrás, não existiam pontes ligando as partes alta e baixa do Aero Rancho, periferia de Campo Grande... As ruas do bairro não eram asfaltadas. Eram escuras. Cheias de buracos. Quando chovia, a lama que descia do Tijuca, do São Jorge, do Batistão, invadia as casas. Era o caos total... Naqueles dias, existiam duas passagens, duas passarelas, sobrepunhando o córrego Anhanduizinho. Facilitavam a vida de trabalhadores. Dos estudantes que precisavam atravessar o riacho e chegar até a Rodovia onde pegavam ônibus em direção à cidade... Foi então que apareceu Pantera... Bandido da pesada... Fugido de Corumbá. Procurado pela polícia. Traficante de drogas. Quadri-lheiro. Raptor de menores... Folha corrida bem extensa para seus 18 anos... Como

ele mesmo dizia quando queria negociar com a polícia: “Sou quase... um menor!”... Foragido da justiça, o meliante esperava a fumaça baixar para poder voltar para a Cidade Branca. Continuar sua carreira de marginal. Enquanto isso não acontecia, pensava que ficando na capital seria mais fácil se esconder. Uma cidade bem maior, com muitos bairros, onde podia deambular sem ser descoberto... Para despistar, o meliante tentou achar um serviço, um bico qualquer, com registro em carteira, alguma coisa onde pudesse descolar alguma grana para pagar o quartinho em que morava no Setor VII. O que sobrasse era só para poder comer, enquanto o tempo se encarregava de fazer seus perseguidores o esquecerem... Não teve sucesso... Chegou a se matricular num colégio, no Parati. Agressivo como era, acabou sendo expulso. Saiu da escola jurando de morte a diretora... Sua vida, em Campo Grande, começou a ficar difícil. No entanto a imaginação ociosa de um marginal sempre arranja uma saída fácil para suas dificuldades... Numa bela noite de luar, Pantera resolveu dar umas voltas. Precisava visitar um mocó no Tarumã. Queria se abastecer de drogas... Ao cruzar a passarela sobre o córrego, estreita e mal acabada, esbarrando nos estudantes que iam para o colégio, tropeçando nos trabalhadores que voltavam para suas casas, teve a ideia imbecil que detonaria sua vida. Cobrar pedágio de quem passava por ali: “Dinheiro fácil!”, pensou... Naquela mesma noite, assaltou um guarda noturno. Tomou seu revólver. Agora, estava armado. Preparado. Sabia que o policiamento da capital era insuficiente e inócuo. Sabia que, quando a noite caía, a periferia da cidade ficava abandonada, entregue à sua própria sorte, sem segurança... Seu próximo passo? Ficar de plantão, depois das onze da noite, na extremidade da passarela, para conhecer seus futuros clientes... Durante alguns dias, estudou o movimento do local... Quando viu que não correria nenhum risco, preparou-se para agir. Começou sua pilhagem. Usou, pagou... Cobrava, segundo a cara do freguês ou conforme as pessoas reagiam ao serem abordadas. Até cinco reais por cabeça... Deixava em paz as pessoas mais velhas e os deficientes. Às vezes até as ajudava cruzar a passarela... Mulher? Para que não pagasse o pedágio nem deixasse um relógio (ou qualquer outro bem) penhorado, a infeliz tinha que levantar a saia. Mostrar as coxas. Ou os seios. Deixar que Pantera as acariciasse. Depois, um nojento beijo na boca.

“Sem nenhum compromisso!”, zombava. Contam que as mais bem dotadas pela natureza eram sumariamente violentadas. O tarado se divertia... Homem? Era humilhado. Quando chegava ao meio da passarela, Pantera, antes de recebê-lo com coronhadas e tapas, apontando a arma para sua cabeça, gritava para intimidá-lo: “Anda seu corno. Chifrudo. Pé Rachado. Pé de cabra. Cornélio! Vai passando a grana se não quiser levar um tiro. Chapéu de touro!” ... Não adiantava o povão reclamar para presidente do bairro, dar queixa na polícia, ligar para ‘Povo na TV’, 1-9-0, Federal, nada... Pantera continuava a bolinar as mulheres e a humilhar os homens... Tirava uma grana alta e fácil. Com ela, ia sustentando seus vícios: maconha, crack, cocaína. Sexta-feira, 13, Lua cheia... Dia de pagamento... Pantera pensou que ia faturar alto... Sempre com um sorriso nos lábios, tomou um conhaque num boteco, comeu um tira-gosto, limpou sua arma. Ocupou sua posição. Começou a achacar os pobres moradores do Aero Rancho... A grana começava a encher seus bolsos... Até mais ou menos a meia-noite, tudo corria bem... Daí, as estrelas sumiram do céu... Um vento frio começou a soprar. Alguns cães passaram a uivar desesperadamente... Um estranho adentrou na passarela... Por um momento, uma nuvem escondeu a Lua... Todo encapotado. Chapéu. Roupa preta. Cachecol enrolado no pescoço. Seus olhos pareciam soltar chispas na escuridão... Pantera se assustou. Foi logo ameaçando: “Pare aí mesmo seu corno. Tá com a grana chifrudo? Responde cabrona. Tô doidão pra dar um tiro em você, seu pé-de-cabra!” ... O desconhecido continuava a marchar em sua direção... Lentamente, como se provocando o meliante, aos poucos aquela estranha figura foi chegando até o outro lado da passarela... Ao se aproximar do traficante, respondeu: “Tá falando comigo, Pantera? Tá me estranhando? Tá me tirando? Não tava me esperando, bundão? Faz tempo que você fica me chamando. Não me deixa mais em paz. Fica enchendo meu saco toda noite. Agora estou aqui. Pode ficar satisfeito. Vim atender seu chamado. Vim buscar você para morar no meu domínio. Você vai comigo, agora. Para o inferno!” ... Desenrolando o cachecol, tirando o chapéu, o desconhecido mostrou sua horrível cara... Dois olhos grandes, vermelhos... De fogo... Seu par de chifres brilhava ao luar... A língua, rachada ao meio, sulcava a noite. Tinha mãos e pés de cabra... “Aquilo”, era “aquele” que Pantera, sem querer e sem saber, vivia in-

vocando todo santo dia... Meia noite... Os moradores do bairro ficaram assustados com a grande explosão na passarela... Pantera? Simplesmente desapareceu. Como se houvesse sido sugado por um buraco negro... Uma fumaça negra, insuportável, fedendo enxofre, tomou conta das redondezas... Ninguém ousou sair de sua casa para ir conferir o que estava acontecendo... Nenhum bandido, famoso ou pé-de-chinelo, teve coragem de cobrar pedágio naquela passarela do Aero Rancho depois daquela noite... Nunca mais... (BUCHARA, 2007).

Esta narrativa reveladora do imaginário social sobre a violência é reforçada pelo mistério do desaparecimento de um menino de 10 anos em dezembro de 2007, o qual era morador do Jardim das Hortênsias. O assunto foi amplamente divulgado na imprensa local, provocando comoção da população. O caso só foi resolvido pela polícia recentemente. A seguir a reprodução alguns trechos de matérias publicadas na imprensa local:

A polícia ainda não conseguiu encontrar o menino Luiz Eduardo Martins Gonçalves, 10 anos, desaparecido desde o dia 22 de dezembro do Jardim das Hortênsias, região do bairro Aero Rancho, em Campo Grande. Fotos em cartazes com o título 'procura-se desaparecido' estão espalhadas pelo bairro. [...] Em busca de Dudu, como o menino é conhecido no bairro, policiais da Depca (Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente) flagraram ontem pela manhã oito crianças vivendo na rua. Eles percorreram pontos de consumo de drogas e se depararam com a situação de outros garotos que estão longe da família. "Fizemos encaminhamentos de um menino que dormia no prédio abandonado da antiga boate 'Chatanooga'", diz o policial que preferiu não ser identificado. (LOPES, 29/12/2007).

Dias depois, outras reportagens foram feitas sobre o caso:

O desaparecimento do menino de 10 anos, Luiz Eduardo Gonçalves, completa hoje 51 dias. Essa contagem progressiva já está registrada na faixa feita pelos moradores do Jardim das Hortênsias, região do Aero Rancho. Inconformados, eles protestaram pelas ruas do bairro, caminharam cerca de 1 quilômetro (*sic*) até a Depca (Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente), que fica ao lado do Hospital Rosa Pedrossian. [...] Para as crianças do bairro, o sumiço do Dudu deixou uma lição: há perigo nas ruas. "A gente não fica mais na rua até tarde. Tenho medo de gente a pé, ciclista, de gente de moto e de carro. Tudo aqui mudou muito depois que o Dudu desapareceu", diz V. S., de 11 anos. Se por um lado, crianças, vizinhos, amigos e familiares reclamam da morosidade policial para encontrar uma solução ao caso - o presidente da Associação dos Moradores do Jardim das Hortênsias disse no carro de som que a pobreza da família seria o motivo da polícia ainda não ter solucionado o caso. (LOPES, 11/02/2008).

Além desses tipos de crimes, situações de violência são vivenciadas constantemente pela população das comunidades em questão. Segundo a Polícia Civil, a maior violência ocorre entre jovens de 15 a 24 anos de idade, correspondendo a 46% do total de crimes ocorridos em todo estado de Mato Grosso do Sul, e 93% das vítimas são do sexo masculino, sendo que a região do Anhanduizinho, onde está situado o Jardim das Hortênsias, e a região do Bandeira, onde se situam as Moreninhas, aparecem nos anos de 2006-2007, quando a polícia começou a divulgar os números da criminalidade na cidade dividindo por regiões, com os maiores números de homicídios de acordo com o quadro 1 a seguir:

ÁREA	2006	2007
ÁREA 1 - CENTRO	10	3
ÁREA 2 - SEGREDO	21	12
ÁREA 3 - PROSA	16	11
ÁREA 4 - BANDEIRA	33	15
ÁREA 5 - ANHANDUIZINHO	41	25
ÁREA 6 - LAGOA	13	18
ÁREA 7 - IMBIRUSSU	10	10
TOTAL	144	94

Quadro 1 - Número de homicídios dolosos por região territorial do município de Campo Grande, MS - 2006-2007

Fonte: MS/SEJUSP/Polícia Civil/SIGO (2012).

Entre os anos de 2001 a 2005, houve um decréscimo no número absoluto de homicídios na capital, mas, nas duas comunidades objetos desta pesquisa, os números se mantêm elevados comparando com os demais bairros da capital, como se pode observar no quadro acima. Além disso, os dados demonstram que houve uma elevação de homicídios em 2006 e um decréscimo significativo em 2007.

O número absoluto de homicídios na capital, de certo modo, controlado, embora as regiões pesquisadas sejam apontadas como as que possuem os maiores índices. Isso demonstra que, estaticamente, a cidade não pode ser apontada como extremamente violenta, embora outras atividades criminosas, como tráfico de drogas, roubos, furtos, violência doméstica, sequestros, roubos de automóveis e residências, entre outros, contribuam enormemente para criar um ambiente propício para conflitos e aumentar a desconfiança nas pessoas e nas instituições oficiais.

Embora os números de homicídios não coloquem Campo Grande entre as capitais mais violentas do país, isso não significa que outros tipos de crimes e atitudes delitivas não sejam relevantes na compreensão e na formulação de um imaginário social relativo à expectativa negativa existentes nas duas comunidades pesquisadas. E, de certo modo, os delitos cometidos dão uma imagem negativa das regiões periurbanas da cidade em função das ocorrências policiais e da atribuição como local de esconderijo de ladrões como constantemente é noticiado pela imprensa local. Esta primeira notícia é do jornal *Correio do Estado*, publicada na página 14, da seção policial:

O 10º Batalhão da Polícia Militar fez buscas por ladrões hoje das 11 horas até 15 horas na mata aos fundos da empresa Bungue, no Jardim Itamaracá, endossa que uma das problemáticas da região tem sido a violência demonstrada nos constantes assaltos. O 10º Batalhão é responsável por 50 bairros, entre eles o complexo das Moreninhas que reúne mais de 70 mil habitantes. São pelo menos quatro assaltos à mão armada a cada 12 horas. Os ladrões são em sua maioria jovens entre 20 a 25 anos movidos pelo consumismo, diz salientando também os problemas sociais como a pobreza, como outro agravante.

Outra notícia a seguir, também veiculada na mídia, confirma esse tipo de percepção:

O 1º DP (Distrito Policial) informou que está apurando o homicídio ocorrido no início da noite na avenida Gury Marques, na região das Moreninhas. Até o momento, os policiais ainda investigam as hipóteses para o crime que ocorreu na entrada da empresa LM Blindex. Anderson Fernandes Mendonça, 30, foi morto com um tiro no rosto, conforme dados do 1º DP. Mendonça estava dirigindo o veículo Pampa de cor azul e placas HQU-1073, estacionado em frente à empresa, onde não era funcionário. (www.campogrande.news.com.br em 26/03/2005).

A crença difundida da relação entre pobreza e violência, presente inclusive nas políticas de segurança, tem sido discutida na literatura das ciências sociais mais recente, com certa desconfiança, pois, apesar do crescimento econômico verificado nas últimas três décadas, não se tem verificado uma redução das taxas de criminalidade, que continuam a aumentar. Segundo Adorno (1998), esse incremento tem sido largamente documentado nos maiores centros urbanos brasileiros. Embora em parte isso possa ser verdade, os indicadores sociais da capital e do estado apresentados anteriormente corroboram aparentemente com a ideia de associar violência com fatores socioestruturais, haja vista que quase 40% da população economicamente ativa não têm renda declarada. Essa população habita, normalmente, as regiões periféricas dos centros urbanos, não participando de maneira efetiva dos incrementos obtidos com o desenvolvimento socioeconômico.

Pode-se dizer que os bairros pesquisados não são necessariamente violentos como regiões urbanas semelhantes às de outras capitais brasileiras, embora, nesse sentido, se tenha uma percepção elevada sobre esses bairros. Isso não quer dizer que o risco por homicídio não exista, mas é relativamente baixo e ainda pode ser controlado por políticas públicas de segurança eficazes que não se embasem apenas em aparelhar a Polícia Militar. É necessário investir para se diminuir a pobreza da população nos bairros pesquisados, assim como na cidade de Campo Grande como um todo.

Além disso, a urbanização nessas regiões ainda é muito incipiente, com ruas escuras, esburacadas e outras que sequer foram pavimentadas. Em épocas de chuvas, tem-se

a formação de lagoas, barro e lama; na seca, que normalmente é bastante prolongada, são meses de muita poeira. Essas situações comprometem a qualidade de vida, já que a infraestrutura local está muito aquém do mínimo necessário para sobrevivência.

Também se pode verificar que os níveis de capacidade de mobilização e de participação da população no combate à violência é ainda extremamente precário. Isso significa uma dependência do poder público para tomar decisões dessa natureza.

Com relação aos bairros pesquisados, o aumento do capital social pode ser conseguido mediante investimentos em políticas culturais e de lazer. São bairros desprovidos de centros comunitários, cinemas, teatros, bibliotecas públicas, praças e parques. O aumento da sociabilidade, da confiança e conhecimento dos problemas do bairro e das pessoas da vizinhança passa necessariamente por esses facilitadores de sociabilidade e lazer, vistos como meios possíveis para minimizar os altos índices de criminalidade e violência que ocorre entre jovens.

Referências

ADORNO, S. Conflitualidade e violência: Reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 10, n. 1, maio 1998.

ÁVILA, V. F. et al. *Formação educacional para o desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de seus conceitos*. Campo Grande: UCDB, 2000.

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, John G. (ed.). *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. Westport, CT: Greenwood Press, 1986.

BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. *Mapa de ocorrências*. Brasília: 2005.

CAMPO GRANDE. Prefeitura Municipal. Secretaria de Planejamento Urbano. *Mapa de Campo Grande*. Disponível em: <www.pmcg.ms.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2008.

COLEMAN, J. Social Capital in the Creation of Human Capital. *American Journal of Sociology*, 94 (supplement), S95-S120, 1988.

_____. *The Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

COTE, S. *Le capital social et le Développement Local*. Exploracion d'un Autre Capital. Texto. Namur (Bélgica): Fondation Roi Baudoin, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Anuário*, 2004.

LOPES, Jacqueline. *À procura de menino, policiais flagram oito crianças na rua*. 29/12/2007. Disponível em: <<http://www.midiamax.com.br/noticias/309378-procura+menino+policiais+flagram+oito+criancas+rua.html>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

_____. *Família conta os dias de desaparecimento de Dudu*. 11/02/2008. Disponível em: <http://www.midiamax.com.br/view.php?mat_id=314596>. Acesso em: 7 fev. 2012.

_____. *Paixões, carências e sonhos das Moreninhas aos 25 anos*. 08/12/2007. Disponível em: <<http://www.midiamax.com.br/TQKmO/noticias/306902-paixoes+carencias+sonhos+moreninhas+aos+25+anos.html#UhOK0lFSR5Y>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Planejamento, Ciência e Tecnologia. *Cenários de Mato Grosso do Sul (SEPLANCT)*. Campo Grande, 2000.

_____. Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP). Coordenadoria de Inteligência da Polícia Civil (COIN). Campo Grande, 2005.

_____. Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP). Polícia Civil. Sistema Integrado de Gestão Operacional (SIGO). Campo Grande, 2007.

MAUSS, M. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.

MOSER, C. et al. *Violence and Social Capital: Proceedings of the LCSES. Seminar Series, 1997-1998*. Washington, DC: The World Bank, August 1999.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA. *Relatório de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: USP, 2008.

ONYX, J.; BULLEN, P. Measuring social capital in five communities in NSW. *An analysis, working paper series*, Sidney, n. 41, dec. 1997.

PUTNAM, R. *The Prosperous Community. Social Capital and Economic Growth*. The American Prospect, Spring, 1993b.

_____. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1993a.

Livros para complementar as referências

BUCHARA. O diabo do Aero Rancho. *Recanto das Letras*, 07/04/2007. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/contosdeterror/441068>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

COLEMAN, J. S. The rational reconstruction of society: 1992 Presidential Address. *Am. Sociol. Rev.*, 1993.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1978. (Col. Os Pensadores).

PUTNAM, R. Bowling alone: America's declining social capital. *J. Democr.*, 6, 1995.

Jornais pesquisados

Campo Grande News. www.campogandenews.com.br

Correio do Estado. www.correiodoestado.com.br